

Informativo SAB



ISSN 3086-6642



Nesta Edição:

Rolê Scout

© Chefe que sabe pedir ajuda

Pé na Trilha Escoteira

Você Sabia? O Escoteiro Desconhecido

e muito mais!!!

EXPEDIENTE

Vol. 1, No. 4 (Ago. 2026)

Periodicidade: Bimestral

Distribuição Gratuita

ISSN 3086-6642

Editor Chefe

Flávio Brabo

Design e Editoração

Flávio Brabo

Colaboradores desta edição

Chefe Vicente Porto de Vasconcellos Filho

Chefe Valter Lima

Chefe Luiz Carlos de Oliveira

Chefe Cleiton Stipanich

Chefe Luciano Valente

Chefe Fernando José Chalegre e Silva

Chefe Helder Hélio de Souza

FALE CONOSCO

informativo@semprealertabrasil.com.br

Comunicado Institucional

Prezados(as) Senhores(as),

INFORMATIVO SAB, informa que suas edições são publicadas em conformidade com calendário editorial previamente estabelecido, com lançamentos programados nos meses Fevereiro, Abril, Junho, Agosto, Outubro e Dezembro.

O objetivo deste cronograma é assegurar previsibilidade, consistência e garantir a excelência na entrega de conteúdo, reafirmando o compromisso da publicação com a qualidade editorial e a pontualidade na disponibilização de cada edição.

Atenciosamente,

Flávio Brabo

Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

A licença Creative Commons Atribuição permite a redistribuição e reutilização de uma obra licenciada, desde que o criador seja devidamente creditado.

Os artigos assinados por colaboradores são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores, não refletindo, necessariamente, a posição institucional da Associação Sempre Alerta Brasil.

INFORMATIVO SAB

As edições da revista estão disponíveis para acesso e download no website:

<https://semprealertabrasil.com.br/informativo-sab/>

Créditos

Foto de capa e demais fotos da revista:

Imagens produzidas com o uso da tecnologia de inteligência artificial e/ou fornecidas por colaboradores da edição sem identificação.





ÍNDICE - N° 04 - Agosto 2026



Associação Escoteira
SEMPRE ALERTA BRASIL
Escotismo Tradicional

ÍNDICE

Clique sobre o título do artigo

- 01 Capa
- 02 Expediente
- 03 Índice
- 04 Editorial
- 05 Palavra do Velho Lobo
- 08 Rolê Scout
- 14 Scout Mix
- 16 Administrativo SAB
- 21 Fogo de Conselho
- 23 Chamado da Aventura
- 25 Escotismo com Propósito
- 31 História do Escotismo
- 34 Bons Ventos
- 35 Você Sabia?

Caro leitor, cara leitora.
Sempre Alerta!

Quatro edições. Parece pouco no papel, mas quem acompanhou essa caminhada desde o início sabe que não é.

A primeira edição saiu com a ansiedade de todo começo — aquela mistura de entusiasmo e dúvida que só quem já montou acampamento em terreno desconhecido conhece bem.

A segunda edição trouxe o alívio de saber que não estávamos sozinhos.

A terceira edição confirmou que isso aqui tinha fôlego de verdade. E agora chegamos à quarta edição com algo diferente: calma. Não acomodação — calma. A de quem já sabe onde está pisando.

Ao longo dessas quatro edições, algo ficou claro: a revista não é nossa. É de quem a lê, de quem compartilha, de quem manda mensagem contando que aquela matéria fez diferença numa reunião de patrulha, numa conversa com um jovem que ainda não sabia bem por que estava ali.

Essas histórias chegam até nós e nos lembram por que vale a pena.

Nesta quarta edição, continuamos com o que funciona: conteúdo que serve ao escoteiro de verdade, não ao escoteiro idealizado. Aquele que às vezes chega cansado para a reunião, que nem sempre tem tudo organizado, mas que está lá — e é isso que conta.

O escotismo não precisa de perfeição. Precisa de presença. O método de Baden-Powell foi pensado para gente real, em situações reais. Patrulhas que erram e aprendem juntas.

Acampamentos que não saem como planejado e por isso ensinam mais do que os que saem. Líderes que não têm todas as respostas, mas fazem as perguntas certas.

Se você chegou até aqui, obrigado. Não pela leitura em si, mas pelo que ela representa: a escolha de manter vivo algo que importa.

Seguimos em frente.

Sempre Alerta!

Flávio Brabo
Editorial Informativo SAB

Palavra do Velho Lobo

Mensagem do Presidente

Prezados escoteiros, chefes, pais, colaboradores e amigos,

Há algo que acontece quando um projeto começa a andar com as próprias pernas. Você percebe não pelo número de edições, não pelo volume de mensagens recebidas, mas pelo que as pessoas fazem com o que recebem. E o que vemos acontecer com a Revista Informativo SAB nos diz muito.

Grupos que antes mal se conheciam passaram a se referenciar mutuamente. Jovens que leram nossas páginas chegaram ao campo com mais curiosidade, mais perguntas, mais vontade de aprender. Chefes compartilharam artigos em formações. Pais que nunca tinham ouvido falar na SAB nos escreveram para entender mais. Isso não é resultado de uma revista bonita. Isso é resultado de um propósito verdadeiro encontrando pessoas prontas para recebê-lo.

A quarta edição chega, portanto, com um sentimento que vai além do orgulho de publicar: chega com a consciência de que estamos diante de algo que cresceu, que enraizou, e que agora se espalha por iniciativa das próprias pessoas que o vivem.

O Escotismo que defendo — e que a SAB defende — não é um escotismo de vitrine. É o Escotismo que suja as botas, que acende o fogo com as próprias mãos, que aprende errando e corrige tentando de novo. É o Escotismo que forma o caráter antes de formar o currículo. Baden-Powell não fundou um clube. Fundou um método de vida. E esse método, quando aplicado com seriedade e alegria, transforma.

Quatro edições. Quatro momentos em que decidimos que vale a pena ir além do básico. E cada edição reforçou uma verdade simples: quando servimos com propósito, o fruto aparece.

Mas não podemos parar aqui. O Brasil é grande demais para que o Escotismo Tradicional fique restrito a quem já nos conhece. Temos o dever de chegar mais longe, de abrir mais portas, de mostrar a mais famílias e a mais jovens que existe um caminho sólido, alegre e formador esperando por eles.

Esta edição é, ao mesmo tempo, uma celebração e um chamado. Celebração do que construímos juntos. Chamado para o que ainda precisamos construir.

Como Presidente da SAB, renovo meu compromisso com cada um de vocês: seguiremos firmes, sérios no propósito, leves no espírito e sempre alertas para servir.

Vicente Porto de Vasconcellos Filho
Presidente da Associação Sempre Alerta Brasil

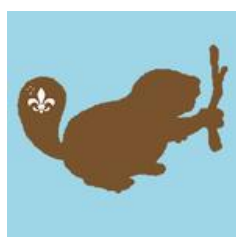


Escotismo sem Fronteiras

FILIAÇÃO ESCOTEIRA 2026

Filiação e Renovação de Grupos SAB para 2026:

<https://semprealertabrasil.com.br/expansao-sab/>





REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932



ALDO CHIORATTO: UM ESCOTEIRO QUE FEZ HISTÓRIA



Aldo Chioratto nasceu em **05 de outubro de 1922**, em São Paulo. Desde pequeno, foi inspirado pelo amor à sua terra e pelos valores escoteiros.



Em 1932, aos 9 anos de idade, durante a Revolução Constitucionalista, Aldo queria fazer a diferença. Por isso, pediu para se alistar como voluntário.



Atuou como mensageiro, levando mensagens importantes entre as tropas paulistas, sempre com coragem, dedicação e espírito de serviço.



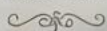
No dia **18 de setembro de 1932**, enquanto levava uma mensagem, estilhaços de uma bomba o atingiram. Aldo não morreu em combate, mas em serviço à causa que acreditava.



Aldo partiu cedo, mas deixou um legado eterno de bravura, amor à Pátria e fidelidade aos seus princípios. Seu exemplo inspira escoteiros e



*"Deixou o conforto da infância
para servir à Pátria.
Seu exemplo não será esquecido."*



Aldo Chioratto

NASCIMENTO: 05/10/1922

FALECIMENTO: 18/09/1932

9 ANOS DE IDADE





Ei, escoteiro!

Já pensou qual será a sua próxima aventura?

O Rolê Scout é o cantinho da revista onde você encontra dicas de lugares incríveis para explorar com a sua patrulha, tropa, família ou amigos. Tem parques, trilhas, museus, cachoeiras, áreas verdes, pontos turísticos e muitos outros destinos cheios de descobertas!

E o melhor de tudo: nossas indicações dão preferência a passeios gratuitos ou de baixo custo, para que mais escoteiros possam viver grandes aventuras sem pesar no bolso.

Cada rolê é uma oportunidade de observar a natureza, aprender algo novo, colocar suas habilidades em prática, fortalecer o espírito de equipe e criar histórias que vão ficar para sempre na memória.

Então, ajuste a mochila, confira a bússola, chame a patrulha e venha descobrir o próximo destino com a gente.

Nesta primeira matéria, vamos indicar dois destinos incríveis que são muito próximos um do outro e podem ser feitos no mesmo dia.



Museu do Ipiranga - USP

Que tal caminhar por um dos lugares mais importantes da história do Brasil?

No Museu do Ipiranga, cada sala revela curiosidades sobre o nosso país por meio de pinturas, objetos históricos, brinquedos, mapas, moedas e muitas histórias que ajudam a entender como o Brasil foi construído.

Além das exposições, o prédio impressiona pela arquitetura e pelos famosos jardins, perfeitos para uma caminhada em patrulha, observando detalhes, registrando fotos e realizando desafios de observação.

Durante a visita, proponha uma missão: encontre um objeto que represente coragem, outro que simbolize trabalho em equipe e mais um que conte uma história do Brasil. Depois, compartilhe com a patrulha por que fez essas escolhas.



Hall de entrada do Museu do Ipiranga



Quadro Independência ou Morte de Pedro Américo

Rolê Scout

Rolê Scout



Museu da Casa do Grito

Inaugurado em 21 de Novembro de 1950.

Monumento à Independência

Inaugurado em 7 de setembro de 1922 como parte das comemorações do Centenário da Independência do Brasil.

Na data da inauguração a obra estava incompleta e foi totalmente finalizado em 1926.

Marcos importantes:

1952: Instalação da pira com o fogo simbólico da pátria na face frontal.



1953/1954: Criação da Cripta Imperial em seu subsolo para receber os restos mortais da Imperatriz Leopoldina e, posteriormente, de Dom Pedro I em 1972 e da Imperatriz Amélia em 1984).

Por que esse passeio vale a pena?

- 🇧🇷 Aprende mais sobre a história do Brasil de forma divertida.
 - 👁️ Estimula a observação, a curiosidade e o pensamento crítico.
 - 📸 Rende ótimas fotos e momentos inesquecíveis com a patrulha.
 - 🌳 Os jardins e o Parque da Independência tornam o passeio ainda mais especial.
- 💰 A entrada é gratuita às quartas-feiras e no primeiro domingo de cada mês (sujeita à disponibilidade de ingressos). Para grupos, o agendamento é obrigatório.

📍 Serviço

Museu do Ipiranga - <https://museudoipiranga.org.br/>

Rua dos Patriotas, 100 – Ipiranga – São Paulo/SP

Funcionamento: terça a domingo, das 10h às 17h (última entrada às 16h).

Dica Scout: Antes da visita, pesquise um fato curioso sobre a Independência do Brasil. Durante o passeio, descubra se você encontra alguma peça ou exposição relacionada ao tema e conte essa história para sua patrulha.

Nível do Rolê: ★★★★★ (História + Cultura + Aventura)



Museu de Zoologia da USP

Já imaginou viajar por diferentes biomas brasileiros sem sair de São Paulo?

Essa é a proposta do Museu de Zoologia da USP, um passeio que combina diversão, ciência e muita inspiração para escoteiros que adoram descobrir o mundo natural.

Logo na entrada você encontra animais empalhados, esqueletos, fósseis, insetos, aves, répteis e mamíferos que ajudam a entender como funciona a incrível biodiversidade do nosso planeta.

É uma oportunidade perfeita para observar detalhes dos animais que muitas vezes só conhecemos pelos livros ou durante atividades em campo.

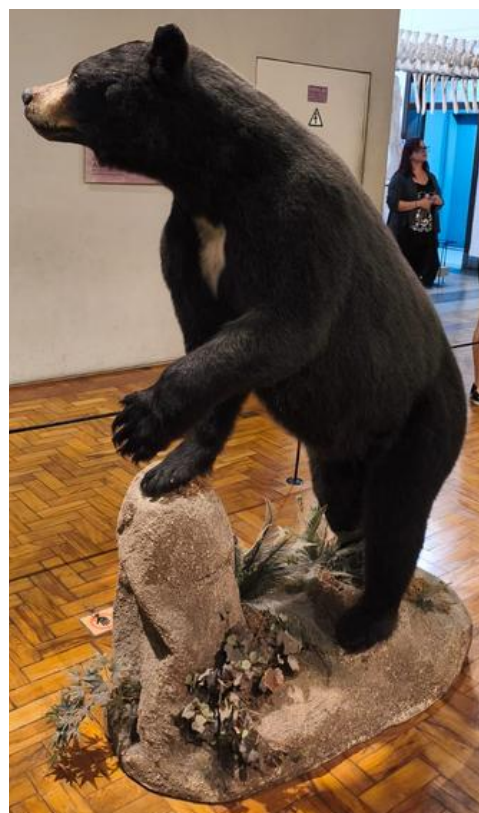
Durante a visita, desafie sua patrulha a identificar espécies da fauna brasileira, anotar curiosidades e descobrir como cada animal se adapta ao ambiente em que vive.

Depois, que tal transformar essas descobertas em uma atividade da tropa ou em um pequeno diário de campo?



Rolê Scout

Rolê Scout



Por que esse passeio vale a pena?

- 🦉 Excelente para quem gosta de natureza e animais.
- 🔍 Ajuda a desenvolver o espírito de observação.
- 📖 Complementa atividades sobre fauna, conservação ambiental e biodiversidade.
- 💰 Entrada gratuita para visitantes individuais. Grupos com mais de 15 pessoas devem realizar agendamento antecipado.

📍 Serviço

Museu de Zoologia da USP - <https://mz.usp.br/pt/>

Avenida Nazaré, 481 – Ipiranga – São Paulo/SP

Funcionamento: terça a domingo, das 10h às 17h (entrada até 16h30).

Dica Scout: Leve um caderno de anotações e tente registrar cinco animais que você nunca tinha visto de perto. Depois compartilhe suas descobertas com a patrulha e descubra qual deles seria o melhor símbolo para uma expedição escoteira!

Nível do Rolê: ★★★★★ (Diversão + Aprendizado + Baixo custo)



WFIS AMERICAS REGIONAL ASSEMBLY

SÃO PAULO – BRASIL 2026



16 A 19 DE OUTUBRO DE 2026

BOLETIM INFORMATIVO Nº 02



*Informações Oficiais da Assembleia Regional
WFIS Américas 2026*



DATA

16 a 19 de outubro de 2026



LOCAL

Espaço Bela Vista
Ibiúna/SP – Brasil



AEROPORTO DE REFERÊNCIA

Aeroporto Internacional de
São Paulo/Guarulhos – GRU



CHECK-IN

16/10/2026



CHECK-OUT

19/10/2026 até às 12h



“UNIDOS NA FRATERNIDADE, FORTES NO PROPÓSITO,
FIÉIS AOS PRINCÍPIOS DO ESCOTISMO TRADICIONAL.”

O conceito do Manto de Fogo de Conselho remonta diretamente à visão de Robert Baden-Powell.

Para o fundador do Escotismo, o acampamento era mais do que uma atividade ao ar livre, era um santuário de educação moral e desenvolvimento de caráter.

Inspirado por costumes de tribos Zulu e Matabele, Baden Powell observou como o uso de mantos cerimoniais conferia dignidade e proteção aos anciãos. Essa tradição foi adaptada para o Escotismo, unindo o misticismo tribal à disciplina institucional.



O fogo funciona como o ponto central de união. O Manto não serve apenas para aquecer o corpo, mas para envolver o escoteiro na atmosfera solene das histórias contadas sob as estrelas, criando um elo entre o passado e o futuro.

O manto de fogo de conselho atua como um registro visual e tátil da trajetória do escoteiro, transformando-se em uma peça histórica pessoal.

Tradicionalmente confeccionado em lã, feltro ou poliéster resistente, priorizando a durabilidade e a proteção contra o frio das noites de acampamento.

Espaço sagrado para a exibição de emblemas, distintivos de especialidades e momentos de grandes atividades nacionais e internacionais.



Customização Única

Diferente do uniforme regulamentar, o manto de fogo é uma peça puramente pessoal. Cada costura reflete a identidade do escoteiro, permitindo uma liberdade de expressão que transforma o feltro em um portfólio de vida.

Lembranças de Atividades

Cada distintivo costurado é o registro tátil de uma jornada. Eles não são apenas prêmios, mas âncoras de memória para acampamentos chuvosos, trilhas desafiadoras e noites sob as estrelas.

Valor Sentimental

O manto carrega o peso emocional de anos de dedicação. É uma herança que guarda o calor das fogueiras passadas e o orgulho das superações alcançadas em cada etapa da progressão escoteira.

Uso e propósito Cerimonial

Exclusividade

O manto é uma peça de uso exclusivo reservada para o momento solene do Fogo de Conselho. Não deve ser utilizado em atividades cotidianas ou de trabalho pesado.

Função Prática

Desenvolvido para oferecer proteção contra o frio noturno das montanhas e campos, permitindo que o escoteiro mantenha o foco na cerimônia sem desconforto térmico.

Função Simbólica

Representa a solenidade e a união do grupo.

Ao vestir o manto, o indivíduo despe-se das diferenças externas para tornar-se parte integral do círculo de fraternidade.



Imagem meramente ilustrativa

Chefe Valter Lima
Comissário da Área Metropolitana de SP
Coordenador de Eventos da Área Metropolitana de SP

O Chefe que sabe pedir ajuda

Tinha uns dezesseis anos quando entrei para o Grupo. O meu Chefe Escoteiro era um homem miúdo, de mãos calejadas, que carregava o lenço sempre bem amarrado e o bernal sempre pesado. Só muito depois eu fiquei sabendo que ele não sabia ler.

Não sabia ler, e mesmo assim conhecia de cor a Lei Escoteira, sabia montar uma barraca em vinte minutos no escuro, ensinava nós que eu nunca reproduzi direito, e cantava o cancionário com uma voz que era um pouco fora do tom mas nunca fora do entusiasmo.

O que ele fazia era pedir à filha que lesse os textos pra ele. Ela lia em voz alta, ele ouvia com atenção total, decorava, e no sábado seguinte transmitia aquilo aos jovens com uma segurança que eu nunca suspeitei que fosse emprestada.

Não sei se ele tinha vergonha disso. Nunca perguntei. Mas o que aprendi observando aquele homem simples demorou anos pra se encaixar na minha cabeça: a competência de um chefe não tem nada a ver com saber tudo. Tem a ver com saber o que fazer com aquilo que não sabe.

**"A pergunta que eu me faço toda vez que começo a trabalhar com um novo chefe é simples: ele consegue dizer 'não sei'?
Se sim, posso ensinar o resto."**

O mito do Chefe que sabe tudo

Existe uma fantasia recorrente em grupos escoteiros e em organizações em geral de que quem lidera deve ter uma resposta para cada situação.

Ela vem de um lugar compreensível: jovens precisam de referências sólidas, e a figura do chefe carrega um peso simbólico que não é pequeno. Mas há uma distância enorme entre ser uma referência e fingir uma onisciência que ninguém tem.

Já vi chefes muito competentes sabotar a própria liderança por não conseguirem dizer "eu não sei, mas vou descobrir".

A frase parece simples. Na prática, exige que você abra mão de um certo tipo de autoridade. A autoridade de quem sabe e aposte em outro tipo: a autoridade de quem busca, pergunta, aprende na frente dos jovens.

E aqui está o paradoxo que leva anos pra entender: os jovens confiam mais em quem admite que não sabe do que em quem finge saber. Eles percebem a diferença. Sempre percebem.

Ninguém domina tudo e não deveria

O Movimento Escoteiro é largo. Vai da vida ao ar livre à educação cidadã, do primeiros socorros ao canto comunitário, da astronomia ao rastreamento.

Nenhum chefe, nenhum mesmo, com qualquer número de cursos e décadas de Movimento, domina toda essa extensão com profundidade real.

A pergunta então não é "como me tornar o chefe que sabe tudo?"

A pergunta é: "quem no meu grupo, na minha associação, sabe o que eu não sei?"

Num grupo em que trabalhei anos atrás, a nossa Chefe de Alcateia tinha um domínio de técnicas de solo e geologia que eu jamais vou alcançar. O nosso tesoureiro que era sênior e nunca tinha feito uma formação formal de liderança, entendia de orçamento e captação de recursos de um jeito que me humilhava toda reunião de diretoria. Eu sabia de outras coisas. Juntos, cobrimos ângulos que nenhum de nós cobriria sozinho.

Isso não é fraqueza distribuída. É inteligência coletiva. E grupos que operam assim crescem de formas que grupos centrados num único "chefe que sabe tudo" raramente conseguem.

O Escotismo não foi concebido para ser conduzido por heróis individuais. Baden-Powell estruturou o Movimento em patrulhas por um motivo. A responsabilidade distribuída, a liderança rotativa, o aprendizado entre pares, tudo isso é arquitetônico, não acidental.

Quando reproduzimos esse modelo na Chefia, estamos sendo, na verdade, mais fiéis ao método do que quando tentamos centralizar tudo numa única figura.

Pedir ajuda é um ato de liderança

Tem uma cena que guardo com clareza: uma atividade de pioneiria que planejei mal, numa tarde que foi de um calor absurdo e com jovens que já estavam no limite do cansaço. A estrutura não ficou como eu queria. Um dos escoteiros mais velhos, um jovem de dezesseis anos que sabia construir uma balsa melhor do que eu, ficou me olhando com aquela expressão que os jovens têm quando estão esperando permissão pra falar. Eu dei a permissão. Ele corrigiu o projeto no lugar. A atividade funcionou. Ele saiu de lá com um senso de competência que nenhum discurso meu teria dado. E eu saí com uma lição que não estava em nenhum manual.

Pedir ajuda não é ceder a autoridade. É exercê-la de um jeito mais sofisticado reconhecendo onde ela tem limites reais, e confiando nas pessoas ao redor para preenchê-los. Um chefe que pede ajuda ensina, sem dizer uma única palavra sobre o assunto, que pedir ajuda é algo que adultos competentes fazem.

Os jovens aprendem comportamentos, não conceitos. Se o chefe nunca pede ajuda, o jovem aprende que pedir ajuda é fraqueza. Se o chefe pede naturalmente, sem drama, o jovem aprende que é assim que funciona o mundo real.

Fraternidade não é só um Valor. É uma Estrutura!

Nossa associação existe há 8 anos. Ao longo desse tempo, acumulou gente com experiências as mais diversas: ex-chefes que viraram engenheiros, médicos, professores, advogados, agricultores, etc.

Gente que passou pelo Movimento e carrega isso pra sempre, mesmo que não esteja mais uniformizada todo sábado. Essa rede é um recurso real. Mas ela só funciona se alguém a ativa. E para ativá-la, é preciso fazer uma coisa aparentemente simples: perguntar.

Grupos que vivem fechados em si mesmos, resolvendo tudo internamente por orgulho ou por comodidade, deixam de acessar esse capital enorme. E quando uma dificuldade real aparece (financeira, pedagógica, administrativa), ela se torna uma crise que poderia ter sido uma conversa.

Não há constrangimento em buscar apoio dentro do Movimento. Constrangedor seria desperdiçar décadas de experiência acumulada por não querer admitir que um problema ultrapassou a capacidade interna de um único grupo.

"Nenhum de nós faz o Escotismo sozinho. Unidos por um ideal, construímos um mundo melhor."

O que distingue um Chefe que cresce?

Depois de muitos anos de Movimento, tenho uma teoria pessoal sobre o que separa os chefes que se desenvolvem dos que estacionam. Não é talento. Não é carisma. Não é o número de cursos que fizeram. É a capacidade de continuar sendo aprendiz.

Os chefes que mais admiro? Aqueles que ainda estão de uniforme décadas depois e que ainda têm algo novo pra oferecer, são os que nunca chegaram numa reunião de formação achando que já sabiam tudo o que precisavam saber. São os que saem de uma atividade com jovens e ainda se perguntam: o que eu poderia ter feito diferente? São os que ligam pra um colega de outra cidade quando bate uma dúvida, em vez de improvisar uma resposta que parece segura mas não é.

Humildade intelectual é uma habilidade. Como qualquer habilidade, ela se pratica e ela se aprende vendo outros fazê-la.

O meu Chefe Escoteiro analfabeto me ensinou isso sem saber que estava ensinando.

Para os Chefes novos e para os Veteranos também

Se você está começando na chefia agora, provavelmente sente o peso de ter que demonstrar competência. É um impulso compreensível. Mas vai uma dica que eu gostaria de ter recebido mais cedo: o que os jovens precisam de você não é perfeição. É presença, consistência e honestidade.

Eles vão esquecer a amarração que você fez errado. Não vão esquecer a vez que você admitiu o erro e mostrou como corrigir.

E se você é veterano?

Se já tem anos de Movimento, formações, histórias, existe um risco específico que vale monitorar: o de se tornar tão confortável com o que já sabe que para de procurar o que ainda não sabe. O Escotismo muda. A pedagogia evolui. O mundo que os jovens vivem hoje é diferente do mundo que você entrou no Movimento. A experiência é um ativo. Virar ela num escudo contra o aprendizado novo é desperdiçá-la.

Pedir ajuda, nesse contexto, não é só uma virtude pessoal. É uma postura metodológica. É reconhecer que o Movimento que queremos construir é maior do que qualquer um de nós.

Aquele velho Chefe me formou sem nunca ter lido uma linha do Escotismo para Rapazes diretamente. Ele pediu ajuda pra filha pra acessar aquilo que não conseguia sozinho. E o fez com tanta naturalidade que eu não questionei, não julguei, não percebi até ser adulto o quanto aquilo era bonito.

O verdadeiro Chefe Escoteiro não é o que sabe tudo. É o que nunca para de aprender e que, ao fazê-lo, dá permissão para que os jovens ao redor também não parem.

Sempre alerta. Sempre aprendendo.

Sempre Alerta!

Chefe Luiz Carlos de Oliveira
Diretor Administrativo

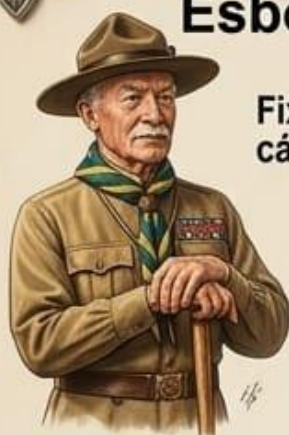




O VERDADEIRO BASTÃO ESCOTEIRO



Esboço Original de Baden-Powell



Baden-Powell

Fixar um elástico de câmara de ar →

← Gancho para várias utilidades como apanhar frutas

← Marcação de sinais de pista

Pregar cinco tachinhas de latão para usos diversos

Falcagar 5 a 10 metros de corda fina para usar em caso de necessidade e serve de apoio para as mãos

... como vara de pescar



... um tripé para cozinhar



Não perder o equilíbrio

Numero de noites acampadas →

Tamanho Ideal :
Aproximadamente 1,60 cm de altura e 4 cm de diâmetro

Medidas pessoais: pés e passos

← Marcação pessoal de ano em ramos, acampamentos ou noites

← Enrolar 30 metros de linha de pescar e por dentro colocar 2 band-aid e anzóis para pescar

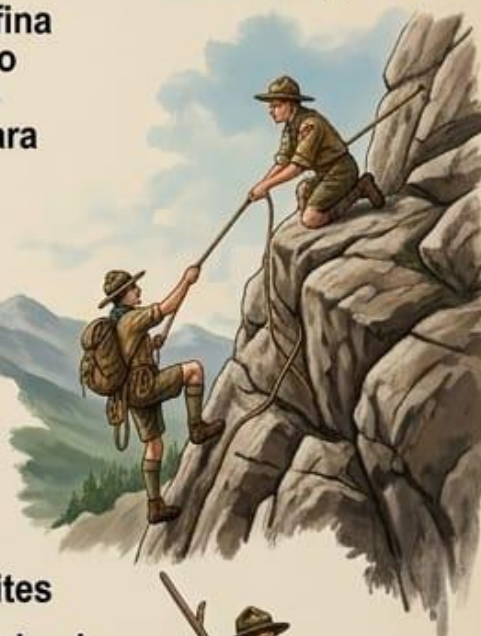
← Pregar tachas de latão ou marcar em escala de centímetro e para uso de emergência

← Serve para verificar tamanho de pegada

← Medir mapas para conversão de distâncias.

← Marcação em centímetros para medir profundidade de rios, lagos e buracos

← Ponta de borracha para não escorregar em alguns pisos



Você não será surpreendido se ficar longe de sua patrulha e ter junto um bastão com tanta utilidade como este

. ele pode ser de um galho de árvore.
. cabo de enxada ou de outro implemento

O Fogo de Conselho: Muito Além da Fogueira

O Fogo de Conselho não é apenas uma fogueira ou uma simples reunião realizada durante um acampamento. É muito mais do que os olhos podem ver.

Sim, há uma fogueira.

Sim, nos reunimos à noite ao seu redor.

Sim, cantamos, sorrimos e compartilhamos momentos de alegria.

Mas o Fogo de Conselho vai muito além disso. Trata-se de uma cerimônia carregada de significado, uma tradição centenária do Movimento Escoteiro que atravessa gerações e continua viva em acampamentos realizados ao redor do mundo.

Tradicionalmente realizado na última noite de um acampamento, ele representa alguns dos valores mais importantes do escotismo:

- Tradição, por meio de seu cerimonial e da simbólica Chama Eterna;
- Memória e história, expressas nos distintivos exibidos nos mantos escoteiros (ponchos), que contam a trajetória de cada participante;
- Fraternidade e união, fortalecidas pela alegria compartilhada nos esquetes, canções e apresentações;
- Confraternização, ao reunir todos em um mesmo círculo, sem distinções, celebrando a amizade escoteira.

O fundador do Movimento Escoteiro, Robert Baden-Powell, inspirou-se em experiências vividas durante sua carreira militar na África e na Ásia. Em suas viagens, observou que diversas comunidades costumavam se reunir à noite em torno de uma fogueira para cantar, contar histórias de caçadas e batalhas, compartilhar experiências, transmitir ensinamentos, celebrar conquistas e tomar decisões importantes.

Esses encontros fortaleciam os laços entre as pessoas e ajudavam a preservar valores e tradições de geração em geração.

Baden-Powell adaptou essa prática ao escotismo, transformando-a em uma das cerimônias mais significativas da vida ao ar livre.



Fogo de Conselho

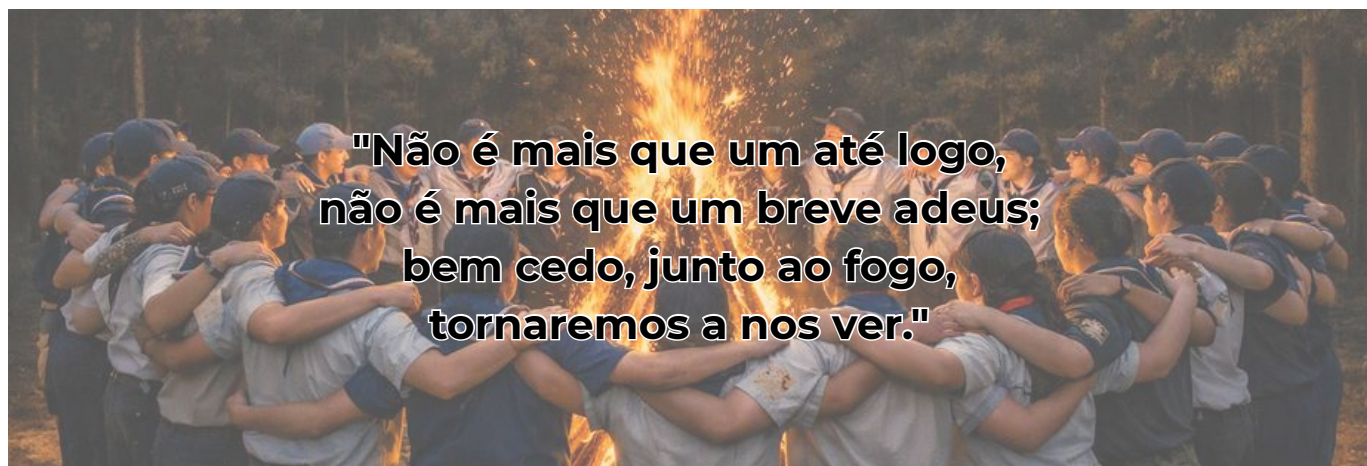
Fogo de Conselho

Assim, na última noite do acampamento, escoteiros, chefes e convidados reúnem-se ao redor de uma fogueira ainda apagada, aguardando o momento solene de seu acendimento. Conduzido pelo Mestre de Cerimônias, esse instante pode acontecer de diversas formas: com uma tocha conduzida por um participante, por um sistema preparado antecipadamente ou até mesmo por uma flecha em chamas, tornando cada cerimônia única e especial.

Durante o Fogo de Conselho, relembremos nossas aventuras por meio dos esquetes e apresentações. Rimos dos erros cometidos, das situações inusitadas e dos desafios superados, transformando cada experiência em aprendizado. Também exibimos nossas “cicatrices” escoteiras — não aquelas gravadas na pele, mas as que carregamos com orgulho em forma de distintivos, conquistados ao longo de nossa caminhada.

Um dos momentos mais emocionantes é a tradição da Chama Eterna. Recordamos onde ocorreu o último Fogo de Conselho e trazemos uma brasa simbólica dele para ser depositada na nova fogueira. Ao final da cerimônia, uma nova brasa é recolhida para ser levada ao próximo encontro. Esse gesto simboliza a continuidade dos valores, das histórias e da fraternidade que unem gerações de escoteiros. Em muitos grupos, e até mesmo entre alguns escoteiros individualmente, essa chama é preservada por anos, passando de um Fogo de Conselho para outro.

Ao final da noite, quando as chamas já diminuem, a fraternidade é renovada por meio de uma das mais belas tradições escoteiras: a Canção da Despedida. Sua melodia emociona e seu refrão permanece gravado na memória e no coração de todos que já vivenciaram um verdadeiro Fogo de Conselho:



Mais do que uma cerimônia, o Fogo de Conselho é um momento de reflexão, celebração e fortalecimento dos laços de amizade. É quando passado, presente e futuro se encontram ao redor das chamas, mantendo viva a essência do Movimento Escoteiro e renovando a promessa de que, em algum lugar e em algum próximo acampamento, voltaremos a nos reunir em torno do fogo.

Sempre Alerta!

Chefe Cleiton Stipanich
GE Tradicional Xixová - 01/SP

Pé na Trilha Escoteira

A apresentação sobre o Rally a Pé de Regularidade Urbano foi concluída com sucesso. O material foi desenvolvido com uma estética moderna, técnica e dinâmica, focada na aplicação do escotismo no ambiente das cidades.

Rally a Pé de Regularidade Urbano –

Uma introdução visual impactante que utiliza mapas e elementos técnicos de navegação.

1. Conceito e Funcionamento –

Explica as regras de regularidade: seguir uma planilha de tempos e distâncias, onde a precisão é mais importante que a velocidade.

2. Percurso e Logística de PC –

Detalha o trajeto por ruas e parques e a função estratégica dos Postos de Controle (PC) para fiscalização e hidratação.

3. Atividades e Plano B – Apresenta as missões educativas (Caçada Fotográfica, Sinais Urbanos e Mapeamento) e como adaptar o evento para diferentes situações.

4. Preparação e Equipamentos – Um checklist visual dos itens necessários: lenço, camiseta do grupo, bússola, cronômetro e planilha.

5. Conclusão e Objetivos Educativos – Encerra destacando o desenvolvimento de liderança, trabalho em equipe e cidadania através da exploração urbana.

O design segue o sistema visual "Mapa Urbano", com cores como verde parque, laranja de segurança e cinza concreto, garantindo um tom profissional e aventureiro

Apoio policial: Solicite suporte da Guarda Municipal ou Polícia Militar para escolta e fechamento temporário de cruzamentos.

Divulgação: Acione grupos de pedal locais e use as redes sociais para convidar os participantes.



Logística e Segurança no Dia

- **Carro de apoio:** Tenha um veículo (carro ou van) acompanhando o final do grupo para recolher bicicletas quebradas ou pessoas cansadas.
- **Kit de primeiros socorros:** Mantenha uma equipe ou voluntários preparados para pequenos atendimentos.
- **Mecânico de plantão:** Ofereça uma estrutura básica com bomba de ar e ferramentas para reparos rápidos antes da largada.
- **Sinalização:** Use coletes refletivos para os organizadores ("batedores") que vão ditar o ritmo na frente e proteger a traseira do grupo.

Objetivo Principal

Confraternização, divulgação do Grupo Escoteiro e da Associação Sempre Alerta Brasil.

01 - Liderança e Resiliência

O Rally exige tomada de decisão sob pressão e adaptação constante ao ambiente urbano, forjando o caráter e a capacidade de liderança dos jovens.

02. Mística e União

O trabalho em equipe para superar desafios técnicos fortalece o espírito de patrulha e a fraternidade escoteira em um contexto moderno.



Chefe Valter Lima

Comissário da Área Metropolitana de SP
Coordenador de Eventos da Área Metropolitana de SP

Escotismo com Propósito

O segredo do Sistema de Patrulhas está na Bíblia

Existe uma afirmação amplamente conhecida entre escotistas: O Sistema de Patrulhas é o coração do Método Escoteiro.

Não é difícil compreender essa ideia. Ao longo de mais de um século, milhões de crianças, adolescentes e jovens aprenderam a liderar, servir, cooperar e assumir responsabilidades porque fizeram parte de uma patrulha.

Baden-Powell percebeu algo que continua atual até hoje: pessoas não são moldadas apenas por instruções, mas principalmente pelos relacionamentos que constroem.

Talvez seja essa a maior força do Sistema de Patrulhas. Ele transforma um grupo de jovens em uma pequena comunidade de aprendizagem. Mas essa constatação desperta uma pergunta interessante: De onde vem esse princípio?

Foi uma inovação criada por Baden-Powell?

Uma adaptação da organização militar?

Ou estamos diante de uma ideia muito mais antiga?

Não existe uma resposta definitiva para essa pergunta. Contudo, ao percorrer algumas páginas da Bíblia, encontramos um conjunto de princípios que dialoga de maneira surpreendente com aquilo que Baden-Powell desenvolveu no início do século XX.

Este artigo não pretende afirmar que o fundador do Escotismo copiou o Sistema de Patrulhas das Escrituras. O objetivo é outro: Observar como um princípio presente na Bíblia há milhares de anos encontra notável correspondência em um dos pilares do Método Escoteiro.

Quando diferentes épocas chegam a conclusões semelhantes sobre a formação de pessoas, talvez estejamos diante de um princípio que merece nossa atenção.



Escotismo com Propósito

Muito antes de Brownsea...

Se quisermos encontrar um dos registros mais antigos desse princípio, precisamos viajar muito antes de 1907. Muito antes do Escotismo. Muito antes da Inglaterra. Precisamos voltar ao deserto do Sinai.

Imagine a cena: Uma fila interminável de pessoas espera diante da tenda de Moisés. Cada conflito. Cada decisão. Cada dúvida. Tudo depende de um único líder. O povo espera. Moisés trabalha. E o trabalho nunca termina.

Entre aquela multidão, um observador percebe que existe um problema. Seu nome era Jetro. Em vez de oferecer mais força a Moisés, ele propõe um novo modelo de liderança.

O conselho registrado na bíblia, no livro de Êxodo (capítulo 18), é simples e, ao mesmo tempo, revolucionário: Escolher líderes capazes, distribuir responsabilidades e organizar o povo em grupos menores. Não se tratava apenas de melhorar a administração. Tratava-se de aproximar a liderança das pessoas. Cada grupo teria alguém que conhecesse suas dificuldades, acompanhasse seu desenvolvimento e resolvesse as questões do cotidiano, levando apenas os casos mais complexos ao líder principal. Era um sistema baseado em confiança, proximidade e formação de novos líderes.

Curiosamente, são exatamente esses elementos que fazem o Sistema de Patrulhas funcionar.



O método de Jesus

Séculos depois, encontramos um cenário diferente. Jesus caminhava por cidades inteiras. Em alguns momentos, falava para milhares de pessoas. Mesmo assim, quando decidiu formar líderes, não escolheu as multidões. Escolheu doze homens.

É interessante observar que os Evangelhos raramente mostram Jesus ensinando seus discípulos em uma sala de aula. O aprendizado acontecia enquanto caminhavam. Enquanto enfrentavam tempestades. Enquanto serviam pessoas. Enquanto erravam. Enquanto recomeçavam.

Escotismo com Propósito

A pedagogia de Jesus era profundamente relacional: Primeiro, os discípulos conviviam. Depois, recebiam responsabilidades. Mais tarde, eram enviados para servir. Essa sequência aparece de forma muito clara na bíblia no evangelho de Marcos (capítulo 3). Antes de enviá-los, Jesus os chamou "para que estivessem com Ele". A convivência precedia a missão. Essa lógica lembra um dos fundamentos do Método Escoteiro: o jovem aprende participando, observando, experimentando e assumindo responsabilidades progressivamente.

Não por acaso, Baden-Powell resumiu essa filosofia em uma expressão que atravessou gerações: Aprender Fazendo.

Um princípio que continua vivo

Após a ascensão de Cristo, a comunidade cristã continuou seguindo essa dinâmica. O livro de Atos descreve uma igreja que se reunia no templo, mas também nas casas. Ali aconteciam conversas. Ensino. Oração. Partilha. Cuidado mútuo. Formação de novos líderes.

Hoje, diferentes tradições cristãs mantêm esse mesmo princípio por meio de pequenos grupos de discipulado, conhecidos em muitos contextos como células, grupos familiares ou pequenos grupos.

Independentemente do nome, o objetivo permanece semelhante: criar um ambiente em que as pessoas sejam conhecidas, desenvolvam relacionamentos significativos e cresçam juntas.

Mais uma vez, encontramos elementos familiares ao escotista. Grupos reduzidos. Liderança próxima. Responsabilidades compartilhadas. Aprendizagem pela convivência. Desenvolvimento de novos líderes. Pertencimento.

Não se trata de estruturas idênticas. Mas de princípios notavelmente semelhantes.

O que faz uma patrulha formar líderes enquanto muitos grupos apenas reúnem pessoas?

Se existe uma característica que distingue o Sistema de Patrulhas de tantos outros modelos de organização juvenil, ela não está na quantidade de integrantes, nos cargos ou na divisão de tarefas. O diferencial está naquilo que acontece entre as pessoas.

Uma patrulha não é apenas um grupo de jovens. É uma pequena comunidade. Esse talvez seja o aspecto mais genial percebido por Baden-Powell. Ele compreendeu que o desenvolvimento humano acontece com mais profundidade quando existe convivência.

Escotismo com Propósito

Na patrulha, ninguém permanece anônimo. Cada integrante tem um nome. Uma história. Um talento. Uma dificuldade. Uma responsabilidade. Cada ausência é percebida. Cada conquista é comemorada. Cada erro se transforma em oportunidade de aprendizado. Esse ambiente produz algo que dificilmente pode ser construído em grupos numerosos: pertencimento. E pertencimento gera compromisso. Compromisso gera responsabilidade. Responsabilidade gera crescimento.

Curiosamente, essa mesma lógica aparece repetidas vezes nas páginas da Bíblia. Não como um método escoteiro. Mas como um princípio de formação humana.

A liderança que forma novos líderes

Existe outro detalhe que merece atenção. Em muitos modelos de liderança, o objetivo é formar bons seguidores. No Sistema de Patrulhas acontece exatamente o contrário. O Monitor não existe para concentrar poder. Sua missão é fazer com que a patrulha funcione cada vez menos dependente dele. Quando um Submonitor está preparado para assumir a liderança... Quando um escoteiro mais novo começa espontaneamente a orientar outro... Quando todos compreendem que possuem responsabilidades... Então a patrulha amadureceu.

Esse princípio também pode ser observado na forma como Jesus conduziu seus discípulos. Os Evangelhos mostram que Ele confiava responsabilidades progressivamente. Primeiro observavam. Depois participavam. Mais tarde eram enviados. Ao retornarem, refletiam sobre a experiência e aprendiam com os acertos e os erros. Era um processo contínuo.

Na linguagem da educação moderna, poderíamos chamá-lo de aprendizagem experiencial. No escotismo, Baden-Powell lhe deu um nome simples e inesquecível: Aprender Fazendo.

Aprender fazendo... ou aprender vivendo?

Talvez aqui exista uma conexão que raramente percebemos. Quando ouvimos a expressão Aprender Fazendo, pensamos imediatamente em pioneirias, acampamentos, construções, técnicas mateiras ou atividades ao ar livre. Tudo isso faz parte. Mas talvez o maior aprendizado do escotismo não aconteça quando construímos uma pioneiria. Aconteça quando aprendemos a trabalhar juntos para construí-la.

O objetivo nunca foi apenas ensinar uma técnica. Foi ensinar cooperação. Serviço. Comunicação. Liderança. Resiliência. Confiança. Em outras palavras, o "fazer" sempre foi um meio. Nunca o fim.

Escotismo com Propósito

Jesus utilizava exatamente essa lógica. Ele não reunia os discípulos apenas para transmitir informações. Criava experiências. Enviava-os para servir. Depois conversava sobre o que viveram. O aprendizado nascia da experiência compartilhada. É exatamente isso que acontece em uma boa atividade de patrulha. Quando o acampamento termina, poucas pessoas lembram todas as instruções recebidas. Mas dificilmente esquecem as experiências vividas ao lado de seus companheiros.

O verdadeiro papel do Monitor

Talvez este seja um dos maiores equívocos sobre o Sistema de Patrulhas. Muitas vezes imaginamos que o Monitor é simplesmente o escoteiro que manda. Mas Baden-Powell enxergava algo muito diferente: O Monitor é um formador de pessoas. Sua autoridade não nasce do cargo. Nasce do exemplo. Ele influencia mais pelo que faz do que pelo que diz. Serve antes de cobrar. Ensina antes de corrigir. Inspira antes de comandar.

Essa compreensão também aproxima o Sistema de Patrulhas do modelo de liderança apresentado por Jesus. Nos Evangelhos, liderança e serviço caminham juntos. Quem lidera cuida. Quem lidera serve. Quem lidera desenvolve outras pessoas.

Talvez seja por isso que patrulhas lideradas apenas pela autoridade dificilmente prosperem. Mas patrulhas conduzidas pelo exemplo costumam deixar marcas para a vida inteira.

Mais do que um método

Chegamos, então, à pergunta inicial: Onde está o segredo do Sistema de Patrulhas? Provavelmente não está apenas em sua organização. Nem apenas na genialidade pedagógica de Baden-Powell. Seu segredo está na compreensão de que pessoas crescem em relacionamento. Crescem quando pertencem. Quando recebem responsabilidades. Quando são desafiadas. Quando encontram alguém que acredita nelas.



Escotismo com Propósito

Ao observarmos Êxodo 18, os Evangelhos, a Igreja Primitiva e o Método Escoteiro, percebemos que todos apontam para uma mesma direção. Embora pertençam a contextos completamente diferentes, compartilham princípios surpreendentemente semelhantes sobre liderança e formação humana.

Talvez seja justamente por isso que o Sistema de Patrulhas continua tão atual. Porque trabalha com algo que não envelhece: A necessidade humana de caminhar junto. De aprender com o outro. De servir. De liderar. De pertencer.

Os sete princípios que unem o Sistema de Patrulhas e o discipulado bíblico

1. Pequenos grupos.
2. Liderança próxima.
3. Responsabilidade progressiva.
4. Aprendizagem pela experiência.
5. Formação de novos líderes.
6. Serviço como expressão da liderança.
7. Relacionamentos que moldam o caráter.

Conclusão

Robert Baden-Powell viveu em uma época marcada por profundas transformações sociais. Militar, educador e homem de fé, observou atentamente a natureza humana e desenvolveu um método que revolucionou a educação de jovens. Não sabemos todas as influências que moldaram seu pensamento. Sabemos, porém, que sua formação cristã, sua familiaridade com as Escrituras e as frequentes referências a Deus e a Jesus em seus escritos fazem parte dessa história. Também sabemos que o princípio dos pequenos grupos aparece muito antes de Brownsea e atravessa diferentes momentos da narrativa bíblica.

Deus abençoe!
Sempre Alerta!

Chefe Luciano Valente
Capelão Nacional SAB
Coordenador Nacional LEC

A Chegada e a Expansão do Escotismo no Brasil

A história do escotismo no Brasil começou antes mesmo da fundação do primeiro grupo escoteiro. O primeiro contato dos brasileiros com o novo movimento criado por Robert Baden-Powell ocorreu em 1º de dezembro de 1909, quando a revista Ilustração Brasileira, publicada no Rio de Janeiro, trouxe uma extensa reportagem intitulada "Scouts e a Arte de Scrutar". A matéria, preparada na Inglaterra pelo Primeiro-Tenente da Marinha Eduardo Henrique Weaver, apresentava fotografias do acampamento de Brownsea, descrevia o método educativo idealizado por Baden-Powell e despertava a curiosidade do público brasileiro sobre aquela inovadora proposta de formação da juventude. Na época, a palavra "escoteiro" ainda não era utilizada em nosso país; empregava-se o termo "scrutar", derivado do inglês scout, que significa explorar, observar e investigar.



Entretanto, o verdadeiro marco da chegada do escotismo ao Brasil ocorreu graças à Marinha do Brasil. Entre 1907 e 1910, o governo brasileiro encomendou modernos navios de guerra a estaleiros ingleses, entre eles o famoso Encouraçado Minas Gerais.

Durante esse período, dezenas de oficiais, suboficiais e marinheiros permaneceram na Inglaterra para acompanhar a construção das embarcações e receber treinamento técnico. Foi nesse ambiente que muitos deles conheceram o movimento escoteiro, que crescia rapidamente após o lançamento do livro Scouting for Boys.

Impressionados com o método de educação baseado na disciplina, no caráter, na vida ao ar livre e no serviço à comunidade, esses militares decidiram levar a novidade para o Brasil. Um dos personagens mais importantes dessa história foi o Suboficial Amélio Azevedo Marques, que matriculou seu filho, Aurélio Azevedo Marques, em um grupo escoteiro inglês. Por esse motivo, Aurélio é reconhecido como o primeiro escoteiro brasileiro da história.

História do Escotismo

No dia 17 de abril de 1910, o Encouraçado Minas Gerais atracou no porto do Rio de Janeiro trazendo, além de sua tripulação, um verdadeiro patrimônio para a história do escotismo nacional: uniformes, lenços, distintivos, manuais e exemplares do livro Scouting for Boys.



Poucos meses depois, em 14 de junho de 1910, esses militares e simpatizantes reuniram-se na residência localizada na Rua do Chichorro, nº 13, no bairro do Catumbi, onde fundaram oficialmente o Centro de Boys Scouts do Brasil, considerado a primeira organização escoteira do país.

A iniciativa foi imediatamente divulgada pela imprensa e convidava famílias e educadores a conhecerem aquele novo método de educação complementar, voltado para a formação de cidadãos responsáveis, disciplinados e comprometidos com o bem comum.



A expansão do escotismo brasileiro foi surpreendentemente rápida. Ainda na década de 1910 surgiram grupos escoteiros em estados como São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Paraná, Bahia e Pernambuco.



Muitas dessas iniciativas partiram de professores, militares, educadores, clubes esportivos e instituições religiosas, que viam no escotismo uma importante ferramenta de formação moral e cívica da juventude. Entre os grandes incentivadores do movimento destacou-se o poeta Olavo Bilac, um dos maiores defensores do civismo no Brasil. Bilac acreditava que o escotismo ajudaria na construção de uma juventude disciplinada, patriótica e preparada para exercer plenamente sua cidadania.

História do Escotismo

Também tiveram papel importante educadores como Mário Cardim, que contribuiu para a difusão do método escoteiro em São Paulo após conhecer Baden-Powell durante uma viagem à Europa.

Nos primeiros anos, o escotismo brasileiro possuía diversas associações independentes, cada uma adotando pequenas adaptações do método original. Existiam organizações regionais, estaduais e até municipais, sem uma administração nacional unificada. Essa diversidade contribuiu para o crescimento do movimento, mas também gerava dificuldades de padronização de uniformes, distintivos, programas educativos e reconhecimento internacional. O próprio Baden-Powell defendia que cada país tivesse apenas uma associação nacional oficialmente reconhecida, fortalecendo a unidade do movimento escoteiro em todo o mundo.

Essa unificação ocorreu em 4 de novembro de 1924, quando foi fundada a União dos Escoteiros do Brasil (UEB). A criação da entidade representou um dos momentos mais importantes da história do escotismo brasileiro, reunindo diversas organizações existentes sob uma única administração nacional, alinhada às diretrizes da Organização Mundial do Movimento Escoteiro. A partir desse momento, o Brasil passou a consolidar um programa educativo comum, fortalecendo a formação de chefes, a criação de novos grupos escoteiros e a participação em eventos internacionais, como os Jamborees Mundiais.

Outro capítulo importante dessa expansão foi o desenvolvimento do Escotismo do Mar. Aproveitando a forte ligação histórica entre o movimento e a Marinha Brasileira, surgiram grupos voltados às atividades náuticas, navegação, remo, vela e educação marítima. Em 1921 foi criada a Confederação Brasileira dos Escoteiros do Mar, fortalecendo a presença do escotismo nas comunidades litorâneas e nas colônias de pescadores. Essa modalidade tornou-se uma das mais tradicionais do país e permanece ativa até os dias atuais, formando jovens por meio da cultura marítima e da preservação dos recursos naturais.

Mais de um século após sua chegada, o escotismo consolidou-se como um dos maiores movimentos de educação não formal do Brasil. Presente em todos os estados, reúne milhares de voluntários e jovens em atividades que unem aventura, liderança, cidadania, preservação ambiental e serviço comunitário. A trajetória iniciada por um pequeno grupo de marinheiros visionários transformou-se em uma verdadeira escola de valores, mantendo vivo o ideal de Baden-Powell de formar cidadãos capazes de deixar o mundo melhor do que o encontraram. A história do escotismo brasileiro demonstra que grandes movimentos podem nascer de gestos simples: uma reportagem lida com atenção, uma viagem ao exterior e a coragem de algumas pessoas em acreditar que educar pelo exemplo é uma das mais poderosas formas de transformar a sociedade.

Chefe Fernando José Chalegre e Silva
GEMar Duarte Coelho - 102/PE

Etapas de Classe

Uma técnica de Instrução e Treinamento, para ser bem aplicada, pode ser instituída de várias formas. Não tenho intenção de ditar regras, contudo a minha experiência, mostra que uma técnica eficaz é:

Para que as Etapas de Classe e Especialidades, sejam bem desenvolvidas pelos jovens e adultos, podemos implementar três estágios de aprendizagem e desenvolvimento, sendo:

1 - O avaliado à uma Etapa, assiste uma apresentação como platéia / aluno;

2 - O avaliado à uma Etapa, participa efetivamente, por exemplo, no item da Especialidade de Culinária, o jovem deve cozinhar;

3 - O avaliado à uma Etapa deve instruir um outro membro, sendo para este seu primeiro passo.

Neste processo, estamos usando o Sistema de Patrulha, onde o Chefe instrui o Monitor, que multiplica ao elemento da patrulha.

Para Instrução de Treinamento, o aprender fazendo (Adestramento) é muito eficaz, ou seja, no momento da demonstração o instruído, repete a ação que está sendo ensinada. Essa técnica é excelente para atividades práticas e técnicas diversas. Essa metodologia é usada pela indústria e aplicada aos Cursos de Instrutor de Treinamento do Senai.

Como os Chefes escoteiros não são super gênios e não tem formação em mil profissões, é importante que busquem no grupo de pais, quais suas formações e profissões.

Lembrando que o objetivo da Especialidade é de que o jovem conheça uma profissão, para que assim o ajude a escolher no futuro qual caminho seguir.

Então para que o jovem seja avaliado, por exemplo nas etapas da Especialidade de Primeiros Socorros, não precisa necessariamente por um Médico, mas por alguém que tenha um conhecimento básico, pois não formaremos um Socorrista ou Enfermeiro. O objetivo é que o jovem cumpra cada Etapa das Especialidades, dentro da sua condição, sendo incentivado a fazer o seu melhor.

O Escotismo amplia as habilidades dos integrantes através da premissa de que cada um faz ou seu melhor a cada dia.

Chefe Helder Hélio de Souza
Diretor 3º GEMar Bertioga
Coordenador Nacional SAB - Ramo Mar

Você Sabia?

O Escoteiro Desconhecido

A boa ação que acendeu o Mundo e chegou até nós!

Imagine Londres, 1909. Uma neblina densa engole as ruas como um véu misterioso, daqueles que parecem saídos de um filme de aventura moderna. Um homem americano, perdido, confuso, sem saber para onde virar. De repente, surge um jovem de uniforme escoteiro, lenço no pescoço, olhar decidido.

“Posso ajudar, senhor?”

Ele guia o estranho até o destino certo, com passos firmes e um sorriso que corta a bruma. O americano, grato, estende uma moeda. O garoto recusa na hora: “Não, obrigado. Sou escoteiro e isso é só a minha boa ação do dia!”

Esse garoto? Nunca soube seu nome.

Hoje, ele é o Escoteiro Desconhecido, o herói anônimo que mudou a história do Escotismo para sempre. E olha só: essa história não é só poeira de arquivo. É um superpoder real, daqueles que provam que uma única atitude pode virar o mundo de cabeça para baixo.

O homem era William D. Boyce, editor poderoso de Chicago, em viagem de negócios. Aquela boa ação simples o deixou eletrizado. Ele foi atrás dos Escoteiros britânicos, devorou o livro Escotismo para Rapazes de Baden-Powell e voltou aos Estados Unidos com uma missão: trazer o movimento para a América.



Em 8 de fevereiro de 1910, data que até hoje celebramos como o “Aniversário do Escotismo Americano”, nascia a Boy Scouts of America.

De uma neblina londrina para um continente inteiro. De um lenço anônimo para milhões de jovens transformando o planeta.

Você Sabia?

Você Sabia?



Mas espera: isso não para por aí.

Em Gilwell Park, o coração do Escotismo mundial na Inglaterra, há uma estátua que conta tudo.

Um búfalo prateado imponente, símbolo da força e da gratidão. A placa diz, em letras que emocionam qualquer escoteiro: “Ao Escoteiro Desconhecido, cuja fidelidade na realização da Boa Ação Diária trouxe o Movimento Escoteiro para os Estados Unidos da América.”

Em 1926, escoteiros americanos ergueram esse monumento com as próprias mãos. E o mais incrível? O segundo Prêmio Silver Buffalo da história – a mais alta honraria do Escotismo americano – foi concedido justamente a ele, o garoto sem nome. Porque, às vezes, o maior legado é aquele que a gente nem sabe que deixou.

Aqui no Brasil, o Escotismo desembarcou quase na mesma época, em 1910, trazido por marinheiros inspirados no mesmo espírito, mas a chama que o Escoteiro Desconhecido acendeu já queimava forte.

Hoje, mais de 100 mil escoteiros brasileiros carregam esse DNA: a ideia de que ser útil não precisa de holofotes, likes ou recompensa. É no dia a dia.

Pense comigo: em 2026, a “neblina” mudou. Não é mais só Londres coberta de fumaça. É o bombardeio de notícias falsas, o estresse das redes sociais, o aquecimento global que parece distante, o bullying no grupo de WhatsApp, a solidão de quem mora em cidade grande como Guarulhos ou São Paulo.

E se o seu “boa ação do dia” fosse o que alguém precisa para encontrar o caminho?

Um escoteiro que ajuda uma idosa com o celular no ônibus.

Um que organiza uma limpeza de rio virtual que vira real.



Você Sabia?

Um que orienta um amigo perdido na ansiedade com uma conversa franca no acampamento.

Um gesto pequeno, anônimo, que pode inspirar o próximo Boyce – ou o próximo Baden-Powell brasileiro.

O Escoteiro Desconhecido não era um super-herói de capa. Era um jovem como você: com uniforme, promessa no coração e vontade de fazer diferença. Ele não planejou fama. Só fez o que o Escotismo ensina desde 1907: “Deixe o mundo melhor do que encontrou.” E olha o resultado: um movimento que já formou mais de 57 milhões de pessoas no planeta, pronto para enfrentar os desafios do século XXI com valores que nunca envelhecem – lealdade, coragem, sustentabilidade, inclusão.

Então, escoteiro de hoje: você é o herdeiro dessa lenda.

A próxima boa ação pode ser sua. Pode ser a que salva um dia, muda uma vida ou, quem sabe, acende uma chama que chega até outro continente.

Seja o Escoteiro Desconhecido da sua turma, da sua cidade, do seu país. Porque o mundo ainda precisa de neblina cortada por lenços vermelhos e sorrisos decididos.

Faça sua boa ação hoje. O futuro está esperando.

Seja Sempre Alerta – e seja lendário, mesmo que ninguém nunca saiba seu nome.

Chefe Flávio Brabo
GE Guarú - 198/SP

